



ENCÍCLICA *EVANGELIUM VITAE*:
o *éthos* do sujeito divulgador católico

The Encyclical letter *Evangelium Vitae*:
the ethos of the catholic divulgator subject

Sueli Maria Ramos da Silva
USP- Universidade de São Paulo

RESUMO: Tomamos para nosso estudo, de modo amplo, a divulgação religiosa, a fim de identificarmos o *éthos* característico desse discurso de divulgação. Este trabalho tem como objetivo específico depreender mecanismos de construção do sentido de um gênero de divulgação religiosa especializada, um documento pontifício da Igreja Católica: a encíclica *Evangelium Vitae*. A fundamentação teórica a ser utilizada consiste das bases teóricas da Semiótica greimasiana. Ao observar as recorrências dos mecanismos de construção do sentido dos textos, refletiremos sobre a noção de discurso de divulgação religiosa, que é pertinente à cena enunciativa partilhada em que se propõe um fazer-creer peculiar à Palavra Revelada. Isolamos duas unidades: “Introdução” e “Capítulo I”, extraídas da encíclica *Evangelium Vitae*. Partindo da ideia de que cada unidade (*unus*) pressupõe a totalidade (*totus*) em que está inserida, realizamos, por meio da análise semiótica dessas unidades, a depreensão do estilo da totalidade da encíclica católica. Os resultados de nossa análise incidem na caracterização do modo de incorporação, interpretação e produção do sentido operacionalizado pelo discurso divulgador religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação Religiosa; Catolicismo; Documentos Pontifícios; *Éthos*.

ABSTRACT: For this study, we take, in a broad way, the religious divulgation material in order to identify the ethos which is characteristic of this discourse of divulgation. The specific objective of this work is to infer construction devices of the meaning of a sort of religious specialized divulgation, a pontifical document of the Catholic Church: the encyclical letter *Evangelium Vitae*, from the pope. The theoretical basis used consists on Greimas' Semiotics concepts. The observation of the recurrences of the mechanisms for construction of meaning of the texts will permit us to think about the notion of religious divulgation discourse pertinent to the enunciative scene shared, where it is proposed a particular make-believe to the Revealed Word. We isolated two units for this work: “Introduction” and “Chapter I”, extracted of the encyclical letter *Evangelium Vitae* from the pope. Departing from the idea that each unit (*unus*) presupposes the totality (*totus*) in which it is inserted, we extract the style of the totality of the encyclical letter from the pope catholic by means of the analysis semiotics of those units. The results of our analysis focus on the characterization in the way incorporation, interpretation and production of the meaning generated for the religious discourse of divulgation are performed.

KEYWORDS: Religious Divulgation; Catholicism; Pontifical Documents; Ethos.

Introdução

Este trabalho tem como fundamentação teórica a semiótica greimasiana de linha francesa.

A incursão dos estudos bíblicos no âmbito da semiótica greimasiana coincide com a publicação da obra *Du Sens* (1970). Thériault (2006) e Panier (2008), ao elaborarem o histórico desses estudos em semiótica, expõem a importância de uma seção de três dias realizada no *Grand Séminaire de Versailles*, em setembro de 1968, como o marco inaugural dos estudos em semiótica bíblica. Esses estudos tiveram seu posterior desenvolvimento em Lyon, por meio da criação, por iniciativa de J. Delorme e J. Calloud, do *Centre pour l'Analyse Du Discours Religieux (CADIR)*, com a publicação do periódico *Sémiotique et Bible*.

Entretanto, estudos referentes ao campo discursivo religioso no âmbito semiótico, no que diz respeito à noção de discurso de divulgação religiosa, requerem maior aprofundamento e explicitação. A escassez de trabalhos que já teriam versado sobre esse tema, somada à presença cada vez mais constante do discurso religioso em todos os tipos de mídias atuais, foram determinantes para a escolha da temática deste artigo.

Mediante essas considerações, respaldados pela formulação teórica proposta, esperamos poder contribuir com o estudo dos discursos de divulgação religiosa, com o exame da própria esfera de circulação do sentido religioso, ou seja, com reflexões a respeito do discurso religioso como enunciado, enunciação, *éthos* e estilo. Ao conceber a identidade como efeito de sujeito dado como simulacro discursivo de um ator da enunciação pressuposto ao enunciado, devemos remeter à noção de estilo definido como efeito de individuação do discurso, produto das relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão dos textos. Tal noção corresponde, por sua vez, à noção de *éthos*, visto como tom, voz, caráter e corporalidade pressupostos à totalidade enunciada.

Tomando para este estudo o discurso de divulgação religiosa, a fim de identificar o *éthos* característico do sujeito divulgador católico, este trabalho tem como objetivo específico depreender mecanismos de construção do sentido de um gênero de divulgação religiosa especializada, a Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, documento pontifício da Igreja Católica emitido pelo Papa João Paulo II, em 25 de março de 1995.

A encíclica é um documento pontifício de autoria do Romano pontífice para exercer seu magistério ordinário. Dirige-se diretamente aos bispos e por meio deles aos fiéis da Igreja Católica (leigos) e às pessoas de boa vontade. A encíclica tem por temática matéria doutrinária de campos diversos: fé, costumes, culto, doutrina social, etc. Nelas, o Papa expõe sua posição a respeito de diversas questões que envolvam fé e moral. Embora a matéria nela contida não seja formalmente objeto de fé, se é devido o assentimento exterior e interior. O conteúdo temático do texto referido se volta predominantemente à questão da defesa da vida humana e da polêmica motivada pelas práticas atuais de disseminação do aborto, da eutanásia e das pesquisas envolvendo células-tronco embrionárias.

Isolamos duas unidades da Encíclica *Evangelium Vitae*: “Introdução” e “Capítulo I: A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim”. Partindo da ideia de que cada unidade (*unus*) pressupõe a totalidade (*totus*) em que está inserida, realizaremos, por meio da análise semiótica dessas unidades, a depreensão do estilo da totalidade da encíclica católica. A análise semiótica das unidades recortadas será feita com o auxílio de um instrumento teórico metodológico, o percurso gerativo do sentido, ferramenta pela qual se abstrai a construção do sentido dos textos, sem que deixem de ser contemplados

desenvolvimentos efetuados por Fiorin (1988), Maingueneau (2005, 2008), Panier (1986, 2008), Ramos (2007) e Silva (2008), a respeito do discurso religioso.

Inicialmente, procederemos à análise semiótica da narrativa bíblica de Caim e Abel (Gn 4, 1-16), fonte primeira e fiadora do discurso instrucional considerado. Em seguida, realizaremos a análise semiótica dos excertos extraídos da narrativa de comentário (discurso de divulgação religiosa).

Como se realiza o fazer interpretativo do próprio enunciador, ora definido pelo papel daquele que interpreta a narrativa bíblica de *Gênesis* (Gn 4, 1-16) como discurso fundador? Como se processa a passagem da narrativa (discurso figurativo bíblico) para o discurso não-figurativo que toma a narrativa bíblica de Caim e Abel como discurso fundador, na raiz da violência contra a vida? Como a escolha dos recursos relativos à gramática da língua reflete na incorporação de um *étos*, com entonação expressiva peculiar? Como se fortalece no texto o tom polêmico do sujeito divulgador? Mediante quais recursos discursivos configura-se o posicionamento do sujeito, como aquele que é contrário às ameaças à vida humana enfrentadas pela sociedade contemporânea? Essas são algumas das questões que procuramos elucidar por meio da análise proposta.

Análise do discurso fundador: Análise semiótica da narrativa bíblica de Caim e Abel

A narrativa bíblica de Caim e Abel (Gn 4, 1-16) constitui-se como fonte primeira e fiadora do discurso instrucional considerado, ou seja, constitui-se como discurso fundador do enunciado da encíclica, graças ao caráter de autoridade proporcionado pela palavra revelada, sendo apresentado como o relato inaugural da violência contra a vida.

Reproduzimos abaixo um excerto da encíclica que apresenta o discurso fundador por meio do procedimento interdiscursivo da citação. Dessa forma, a fim de esclarecer como os recursos temáticos e figurativos do texto de fundação se encontram retomados no enunciado da encíclica, procederemos, inicialmente, à análise semiótica do discurso da narrativa bíblica citado por esse enunciado.

- (1) **O Evangelho da vida**, que ressoa, logo ao princípio, com a criação do homem à imagem de Deus para um destino de vida plena e perfeita (cf. *Gn* 2, 7; *Sab* 9, 2-3), vê-se contestado pela experiência dilacerante da **morte que entra no mundo**, lançando o espectro da falta de sentido sobre toda a existência do homem. A morte entra por causa da inveja do diabo (cf. *Gn* 3, 1.4-5) e do pecado dos primeiros pais (cf. *Gn* 2, 17; 3, 17-19). E entra de modo violento, **através do assassinio de Abel por obra do seu irmão**: « Logo que chegaram ao campo, Caim levantou a mão contra o irmão Abel e matou-o » (*Gn* 4, 8). Este primeiro assassinio é apresentado, com singular eloquência, numa página paradigmática do Livro do Gênesis: página transcrita cada dia, sem cessar e com degradante repetição, no livro da história dos povos. Queremos ler de novo, juntos, esta página bíblica, que, apesar do seu aspecto arcaico e extrema simplicidade, se apresenta riquíssima de ensinamentos.

<<Abel foi pastor; e Caim, lavrador. Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogênitos do seu rebanho e as gorduras deles. O Senhor olhou favoravelmente para Abel e para a sua oferta, mas não olhou para Caim nem para a sua oferta.

Caim ficou muito irritado e o rosto transtornou-se-lhe. O Senhor disse a Caim: "Porque estás zangado e o teu rosto abatido? Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo".

Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: "Vamos ao campo". Porém, logo que chegaram ao campo, Caim levantou a mão contra o irmão Abel e matou-o.

O Senhor disse a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?" Caim respondeu: "Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?" O Senhor replicou: "Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim. De futuro, serás maldito sobre a terra que abriu a sua boca para beber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando a cultivares, negar-te-á as suas riquezas. Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra".

Caim disse ao Senhor: "A minha culpa é grande demais para obter perdão! Expulsas-me hoje desta terra; obrigado a ocultar-me longe da tua face, terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra, e o primeiro a encontrar-me matar-me-á".

O Senhor respondeu: "Não, se alguém matar Caim, será castigado sete vezes mais". E o Senhor marcou-o com um sinal, a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar. Caim afastou-se da presença do Senhor e foi residir na região de Nod, ao oriente do Éden » (Gn 4, 2-16) (JOAO PAULO II, 2005, p.18-19)

Tomando por base o enunciado fundador, apreendido de forma intertextual no enunciado da encíclica, observamos que a oposição semântica fundamental é estabelecida entre os termos contrários (vida e morte) e contraditórios (não-morte e não-vida), que se relacionam por sua vez, aos termos integração e transgressão. O termo "morte" é representado pelo domínio das pulsões individuais do indivíduo e o termo "vida" pelo domínio sagrado da religião e da comunhão com os valores propostos pelo enunciador divino.

Assim, os termos do quadrado semiótico são axiologizados dentro da ideologia católica da seguinte forma: os termos (vida e integração) são axiologizados com valores eufóricos e os termos (morte e transgressão) são axiologizados com valores disfóricos.

Ao adotarmos a posição do narrador da narrativa bíblica de Caim e Abel veremos que a operação que vai da não-transgressão à integração manifesta uma tendência euforizante, por oposição à operação que vai da não-integração à transgressão, efetuada na narrativa, e de tendência disforizante. Observamos na narrativa bíblica a presença da disforia que marca a passagem das continuidades às descontinuidades com a geração das tensões. A narrativa se desenvolve por meio de uma contenção inicial (parada da continuação), na qual o sujeito, ao não ser recompensado e movido pelo ciúme, nega o contrato de manipulação exercido pelo destinador divino. A transgressão, realiza-se por meio da retenção (continuação da parada), expressa pelo anti-programa narrativo desenvolvido pelo sujeito ao executar seu próprio irmão, culminando por fim na distensão (parada da parada) com o reconhecimento da culpa pela performance executada.

Inicialmente, no percurso do destinador-manipulador, temos uma espécie de contrato (manipulação pressuposta) entre as funções sintáticas de destinador-manipulador (o Senhor) e destinatário-manipulado (irmãos: Caim e Abel). Segundo esse contrato pressuposto,

o “Senhor” manipula os actantes-sujeitos (irmãos) a dever-fazer, ou seja, a dever apresentar sacrifícios ao Senhor.

O acordo entre o destinador-manipulador e o destinatário-sujeito pressupõe que ambos partilhem do mesmo quadro axiológico de valores. A performance se realiza, os actantes-sujeitos cumprem o contrato e apresentam sacrifícios ao Senhor. Abel oferece os “primogênitos do rebanho e a gordura deles” e Caim realiza a “oferta de frutos da terra”.

Após o percurso de ação do sujeito, realiza-se a atividade do destinador-julgador. Este, ao realizar o seu fazer interpretativo, estabelece a seguinte sanção cognitiva de reconhecimento: Abel é reconhecido por sua performance, enquanto Caim não obtém reconhecimento.

No percurso do sujeito, Caim cumpre vários papéis actanciais: sujeito do querer-fazer (querer cumprir o contrato pressuposto), do saber-fazer e do poder-fazer (tem a competência necessária para executar a performance) e do querer-ser (quer ser recompensado).

Ainda no percurso do destinador-manipulador, há um programa de doação de competência pressuposto. Por meio desse PN de aquisição de competência pressuposto poder e saber são atribuídos a Caim para dominar o pecado e agir conforme os preceitos divinos. Caim tem o saber-fazer, o dever-fazer e o poder-fazer necessários para dominar o pecado.

Entretanto, efeitos de sentido afetivos ou modulações passionais orientam o percurso efetuado pelo destinatário sujeito (Caim) ao longo da narrativa.

A narrativa de “Caim e Abel” se desenvolve, inicialmente, em torno da expectativa fiduciária, uma espera baseada na confiança. A expectativa fiduciária, dado o caráter intersubjetivo proposto, põe o sujeito em relação a outros sujeitos ($S_1 \rightarrow S_2$).

No enunciado considerado, a expectativa fiduciária pressupõe uma relação intersubjetiva entre o “Senhor” e “Caim”. Essa expectativa fiduciária de Caim em relação ao Senhor vai transformar Caim, de sujeito desejoso do reconhecimento em sujeito disjuncto com o objeto modal querer-ser reconhecido.

Desse modo, vemos que o percurso de variação de tensividade organiza-se segundo um aumento de tensão: relaxamento \rightarrow intensão \rightarrow tensão. Essa variação de tensividade realiza na narrativa o seguinte percurso passional: confiança \rightarrow decepção \rightarrow ciúme / inveja / ira / ódio \rightarrow revolta \rightarrow liquidação da falta.

Caim deixa-se manipular por tentação pelo anti-programa narrativo pressuposto representado pelo pecado. As paixões do ciúme e da ira, da cólera e da inveja fazem com que ele seja manipulado a executar o primeiro fratricídio, na raiz da violência contra o próximo. Caim instala-se como sujeito mediante a determinação do querer-fazer, ou seja, querer liquidar a falta sofrida. Caim realiza-se como sujeito revoltado, e, dotado das modalidades do poder-fazer e do querer-fazer, pode auto afirmar-se pela possibilidade de destruição do rival.

O actante sujeito sancionado negativamente se decepciona, e por meio dos percursos passionais da revolta, da inveja, da ira e do ódio adquire o poder-fazer e o querer-fazer o mal a alguém, o rival.

A rivalidade remete, de acordo com Greimas (1993, p. 174), à “situação de duas ou mais pessoas que disputam por alguma coisa (sobretudo o primeiro lugar, a primeira fileira)”. Encontram-se, assim, os papéis actanciais dos sujeitos de estado concorrentes (S_1/S_2) entre os quais circula o objeto de valor (poder-ser e querer-ser reconhecido pelo Senhor). Caim é modalizado pela paixão intersubjetiva do ciúme pelo querer-ser (possessão) e pelo dever-ser (apego). A relação entre os irmãos é movida pela rivalidade, calcada em sentimentos de inveja e ódio em Caim. A inveja de um irmão pelo outro desencadeia, por

consequente, um estado de alma de paixões malevolentes. E, dessa forma, desenvolve-se a narrativa da rivalidade entre irmãos, segundo a qual “para melhor expressar o poder soberano, absoluto e indivisível, só restava a alternativa do fratricídio” (GREIMAS, 2004, p. 26). Caim, enquanto sujeito ressentido, se revolta; e dotado do poder-fazer (poder transformador de estados: da disjunção à junção) executa a ação, com a performance do assassinio de seu irmão. Por meio dessa performance Caim executa a seguinte transformação de estados: Abel: sujeito conjunto com a vida e com a recompensa divina → sujeito em disjunção com a vida; Caim: sujeito disjunto com o poder-ser → sujeito conjunto com o poder-ser.

Caim, ao matar Abel por ciúmes da preferência de Deus, adquire o poder-ser (soberania) necessário, realizando, por conseguinte, o programa de liquidação da falta.

Segue-se, à realização da performance, a rapidez e a aceleração da progressão do mal.

Terminado o percurso da ação do sujeito, tem início na narrativa o percurso do destinador-julgador e, conseqüentemente, da atividade de sanção. Ao realizar o seu fazer interpretativo, o destinador-julgador avalia as etapas da narrativa executadas por Caim.

Após a pergunta do destinador-julgador “Onde está Abel, teu irmão?”, e da resposta de Caim “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?”, segue a réplica do Senhor “Que fizeste?”, com a figura da “voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim”. Essa figura é suficiente para o desmascaramento do sujeito por parte do destinador-julgador.

A evocação da “voz do sangue que clama do solo”, tem sua origem na crença judaica, segundo a qual o sangue humano derramado e não coberto de terra clamaria aos céus (Cf. BRUNEL, 1997, p.139-140).

O segredo e a mentira são desmascarados pelo destinador-julgador (o Senhor). Com isso, o destinador denuncia o comportamento mentiroso e ilusório de Caim aplicando-lhe a seguir uma sanção negativa. Caim, após executar a performance do assassinio de seu irmão é sancionado negativamente pelo destinador divino. Realiza-se na narrativa uma sanção cognitiva e pragmática com a punição: ser amaldiçoado por Deus, como também pela terra, que lhe recusará os seus frutos (Cf. Gn 4, 11- 12). Caim é punido: habitará em terras agrestes e desertas. Segue-se, assim, um PN de privação transitiva por espoliação, no qual o senhor tira de Caim os objetos valor da terra e da presença do Senhor. Caim reconhece sua culpa e realiza-se, por fim, um PN de doação de competência, na qual o Senhor dota Caim com um sinal (objeto modal), segundo o qual ele adquire o não-poder-ser morto por quem o encontrasse.

Com relação ao exame das estruturas discursivas do referido texto, observamos que esse se realiza pela utilização de uma debreagem enunciativa. As estratégias do enunciador constituem-se na ocultação do eu-aqui-agora, ancorando os movimentos do sentido dos atores do enunciado num tempo figurativizado como o tempo do “então” e num espaço topicalizado como o espaço do “alhores”. Tem-se, assim, a emergência dos atores do enunciado, por meio de um enunciado que parece se enunciar sozinho. A história bíblica considerada, ao ser apoiada no texto figurativo, é pautada por uma construção mítica, segundo a qual o crime, persistente fato social, é representado miticamente em nossa cultura pelo episódio bíblico de Caim e Abel.

No que diz respeito aos procedimentos de actorialização presentes no enunciado instrucional (fundador) considerado, notamos a presença de um narrador explícito que dá voz aos actantes do enunciado, instalando-os no discurso por meio de uma debreagem interna enunciativa de segundo grau. Essa debreagem dá-se pela presença do discurso direto instalado entre aspas, que instaura o diálogo entre os actantes representados pelo Senhor e Caim.

Desse modo, o discurso direto é resultante da debreagem interna enunciativa de segundo grau, por meio da qual o narrador delega voz aos actantes do enunciado e projeta duas instâncias enunciativas autônomas, concernentes à presença de dois atos enunciativos, duas vozes: a do narrador e a do personagem (interlocutor). Assim, por meio do emprego do discurso direto, recria-se a situação da enunciação por intermédio do narrador.

Para fazer emergir os atores do enunciado, ao introduzir o discurso direto, o narrador se enuncia por meio de um verbo *dicendi* (de dizer):

- (2) **O Senhor disse a Caim:** "Onde está Abel, teu irmão?" **Caim respondeu:** "Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?" (JOAO PAULO II, 2005, p. 19, grifos nossos).

Com relação à temporalização, notamos na fala do narrador a presença de verbos no pretérito perfeito 2 que indicam a pontualidade e o término das ações executadas, tal como:

- (3) Abel **foi** pastor; e Caim, lavrador. Ao fim de algum tempo, Caim **apresentou** ao Senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel **ofereceu** primogênitos do seu rebanho e as gorduras deles. O Senhor **olhou** favoravelmente para Abel e para a sua oferta, mas não **olhou** para Caim nem para a sua oferta (JOAO PAULO II, 2005, p. 19, grifos nossos).

No que diz respeito à subversão temporal, estabelecida por meio do recurso das embreagens temporais e como efeito de neutralização das oposições temporais entre enunciado e enunciação, simulacro de realidade e objetividade, observa-se a instauração da concomitância 1 pela concomitância 2 (presente pelo pretérito perfeito 2). Assim, os verbos são dispostos no presente para expressarem concomitância ao marco referencial pretérito projetado no enunciado, para que se obtenha o efeito de sentido de objetividade e proximidade entre os tempos da enunciação e do enunciado. Esses mecanismos de subversão temporal encontram-se presentes, sobretudo, na segunda instância enunciativa representada pela voz dos personagens (interlocutores) dispostas no enunciado em discurso direto:

- (4) "Expulsas-me hoje desta terra; obrigado a ocultar-me longe da tua face, terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra, e o primeiro a encontrar-me matar-me-á" (JOAO PAULO II, 2005, p.19).

A ambientação, correspondente aos espaços nos quais se movimentam os personagens, encontra-se organizada no enunciado instrucional considerado em função de dois pontos instalados no interior do texto: o "campo" no qual se desenvolve o assassinio de Abel (espaço do fratricídio) e a região de Nod, ao oriente do Éden (espaço de afastamento e errância). A partir desses pontos instalados no interior do texto, há uma movimentação dos personagens nesse espaço, por meio da modificação de suas posições dentro dessa categoria espacial, com o movimento de afastamento ao qual Caim é punido, sendo obrigado a ocultar-se diante do Senhor e habitar a região de Nod.

Observamos, portanto, que a narrativa bíblica de Caim e Abel caracteriza-se como um texto figurativo, na medida em que: "trata de personagens concretizados semanticamente que atuam num tempo e espaço específicos" (CARVALHO, 2005, p. 43).

Vejam os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são disseminados segundo percursos temáticos e revestidos por percursos figurativos. Elencamos, a seguir, os temas que compõem a narrativa e em seguida explicitamos o revestimento figurativo decorrente.

- a) **Irmãos inimigos, inimizade entre irmãos** (configuração discursiva da rivalidade). Esse tema recebe o investimento figurativo pautado pela oposição entre os atores (Caim e Abel). A oposição entre eles desenvolve-se mediante duas isotopias figurativas distintas: agricultura (papel temático do lavrador) em Caim vs. pecuária (papel temático de pastor) em Abel. A seguir, damos destaque às figuras da isotopia agrícola: “lavrador”, “oferta de frutos da terra”; por oposição às figuras da isotopia pecuária: “primogênitos do seu rebanho”; “gorduras deles”.
- b) **Rivalidade entre o bom e o ruim**. Esse tema recebe o investimento figurativo da rivalidade entre os irmãos. Caim é representado como aquele que tem inclinação ao pecado, por oposição a Abel considerado bom e reconhecido pelo Senhor.
- c) **Oposição entre o Bem e o Mal**. O mito apresenta um caráter binário, segundo o qual a narrativa bíblica se constrói mediante uma série de categorias em oposição. O texto orienta a realidade segundo dois princípios principais: o bem (proveniente da integração ao sistema de valores propostos por Deus) e o mal, proveniente de entidades demoníacas. O mal é figurativizado como o pecado, entendido como transgressão da lei divina.
- d) **Livre preferência de Deus pelos mais novos e fracos**: figurativizado pela preferência do Senhor por Abel.
- e) **Fé e a não materialidade do sacrifício**: figurativizado pelo olhar favorável demonstrado pelo Senhor às ofertas de Abel.
- f) **Onisciência divina**: figurativizado pela “voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim”, segundo a qual Deus já sabia que Caim havia cometido o pecado
- g) **Manutenção dos valores divinos**: figurativizado pelo bom proceder, a que Caim estaria inicialmente manipulado para vencer o pecado.
- h) **Pecado original** (crime). Esse tema possui a seguinte figurativização do fratricídio: “terra que abriu a sua boca para beber da tua mão o sangue do teu irmão”.
- i) **Errância** (configuração discursiva da errância). Concretiza-se por meio das seguintes figuras: “andar fugitivo”; “vagabundo”; “região de Nod, ao oriente do Éden”.
- j) **Punição divina**: figurativizado com a maldição imposta por Deus a Caim: “De futuro, serás maldito sobre a terra”;
- k) **Nova integração divina** (redenção). Esse tema apresenta a seguinte figurativização: “reconhecimento da culpa”; “perdão”; “sinal”.

Tendo verificado, por meio da análise, os mecanismos de construção de sentido do enunciado fundador, nos ocupamos, a seguir, da análise do enunciado da encíclica a fim de

evidenciar como esses temas e figuras se encontram retomados e atualizados pelo discurso papal.

Análise do discurso de divulgação religiosa: Análise semiótica de duas unidades: Introdução e Capítulo I

Tomemos como base os seguintes segmentos recortados do texto analisado:

- (5) A Igreja sabe que este **Evangelho da vida**, recebido do seu Senhor, encontra um eco profundo e persuasivo no coração de cada pessoa, crente e até não crente, porque se ele supera infinitamente as suas aspirações, também lhes corresponde de maneira admirável. Mesmo por entre dificuldades e incertezas, todo o homem sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela luz da razão e com o secreto influxo da graça, chegar a reconhecer, na lei natural inscrita no coração (cf. *Rm 2, 14-15*), o valor sagrado da vida humana desde o seu início até ao seu termo, e afirmar o direito que todo o ser humano tem de ver plenamente respeitado este seu bem primário. Sobre o reconhecimento de tal direito é que se funda a convivência humana e a própria comunidade política (JOAO PAULO II, 2005, p.7).
- (6) Já o Concílio Vaticano II, numa página de dramática atualidade, deplorou fortemente os múltiplos crimes e atentados contra a vida humana. À distância de trinta anos e fazendo minhas as palavras da Assembléia Conciliar, uma vez mais e com idêntica força os deploro em nome da Igreja inteira, com a certeza de interpretar o sentimento autêntico de toda a reta consciência: « Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador » (JOAO PAULO II, 2005, p. 9-10).

A morte “cultura da morte”, representada pelo domínio das pulsões individuais e naturais do indivíduo; realiza-se pelos atentados contra a vida, com a autorização e realização de crimes contra a vida nascente e em seu término, do qual merecem destaque no texto as práticas de difusão do aborto e da eutanásia. A vida “evangelho da vida” é representada pelos valores propostos pelo domínio religioso católico de defesa da vida em seus dois momentos principais: dignidade da criança ainda não nascida e dignidade da pessoa em fase terminal.

Desse modo, a “defesa da vida” é euforizada axiologicamente e a “cultura da morte” é axiologizada disforicamente.

Esse modo específico de axiologizar valores corresponde aos preceitos de uma determinada formação ideológica, no caso, os valores propugnados pela ideologia religiosa católica e que serão materializados no nível discursivo do percurso gerativo do sentido.

Para Greimas (2004, p.14), “toda religião é uma axiologia, isto é, um sistema conforme o qual se afirmam ou se negam certos valores: é antes de mais nada, um sistema abstrato e conceitual”.

Observamos, por meio da SN₁ (sequência narrativa do enunciado) o Sujeito S₁ (comentador, agente de prestígio “Papa”) fazendo com que S₂ (fiel) permaneça em conjunção com o O_v “destino de vida plena e perfeita”. Por meio de um PN de aquisição de competência pressuposto, poder e saber são atribuídos ao homem para dominar o pecado e agir conforme os preceitos divinos. O homem, tal como na narrativa fundadora, tem as modalidades do saber-fazer, dever-fazer e poder-fazer necessários para dominar o pecado. A performance não se realiza, o sujeito é manipulado por tentação pelo anti-programa narrativo desenvolvido pelo demônio. O anti-destinador, figurativizado pelo demônio, interrompe o fluxo fórico proposto ao introduzir a experiência dilacerante da morte, o que ocasiona a parada da continuidade projetada por Deus. A experiência dilacerante da morte, introduzida pelo demônio com o primeiro fratricídio (narrativa de Caim e Abel), realiza-se na narrativa de comentário pela performance da realização de atentados contra a vida humana. Desenvolve-se, assim, a narrativa de busca pelo restabelecimento da ligação entre o homem e Deus, possível pela redenção promovida pelo “sangue de Cristo” ao propor uma nova continuidade representada no enunciado por meio de “um novo caminho de amor, de acolhimento e de serviço à vida humana”. Estabelece-se um PN de doação de competência na qual o sangue de Cristo fornece o poder-ser e poder-fazer (força) necessários para que o homem possa se empenhar em favor da vida.

- (7) É, enfim, do sangue de Cristo que todos os homens recebem **a força para se empenharem a favor da vida**. Precisamente esse sangue é o motivo mais forte da esperança, melhor, é o **fundamento da certeza absoluta de que, segundo o desígnio de Deus, a vitória será a vida** (JOAO PAULO II, 2005, p.53).

O sujeito da enunciação é considerado um sujeito realizador de um programa de construção de um objeto de valor cognitivo: a encíclica. Os valores católicos de defesa da vida veiculados por esse objeto-discurso são comunicados ao sujeito da enunciação (comentador) pelo destinador-manipulador (formação discursiva católica). Cabe ao receptor interpretante, destinatário-sujeito imbuído pelo papel temático de destinador-julgador, julgar e sancionar o fazer do sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação (agente de prestígio, Papa) dado o poder e autoridade de Pontífice Universal, como máxima autoridade da Igreja Católica, tem seu fazer reconhecido: a exposição da matéria de fé e moral deve ser executada e praticada pelos membros da formação discursiva considerada.

A atualidade do enunciado constitui-se por meio da utilização de uma temática atual: a questão envolvendo os debates a respeito da liberação das práticas abortivas e, por conseguinte, as pesquisas científicas de manipulação genética.

A palavra revelada (narrativa bíblica de “Caim e Abel”), ao ser citada na narrativa de comentário é instituída como fonte e fiadora desse discurso, legitimando o enunciado da encíclica. O próprio título da encíclica “*Evangelium Vitae*”, em latim, língua da Igreja, confirma seu caráter de instrumento autorizado.

Assim, por meio de um programa narrativo baseado em um contrato fiduciário, o destinador busca convencer o destinatário-sujeito por meio do argumento de autoridade expresso pela referência à palavra divina.

A modalização deontica apresenta um dever-fazer instaurado pelo destinador: dever agir como um leigo, um crente católico. Ao operar com a revelação dos saberes a

respeito do conteúdo da fé católica, o discurso busca a adesão do destinatário por meio da manipulação executada pela modalização deôntica do dever-fazer (prescrição). O enunciador manipula o enunciatário para dever-saber e crer-poder-saber entrar em conjunção com os valores ideológicos propostos. Dessa forma, o modo próprio do enunciador desse discurso busca a adesão de sua imagem pelo enunciatário a ele pressuposto, que deve, por conseguinte, partilhar das crenças e valores propostos por esse enunciado.

No discurso de divulgação observamos a presença dos actantes: comentador e destinatário. Cabe ao sujeito divulgador (Papa) propiciar a intermediação entre os dois mundos históricos (o texto e o público). O divulgador deve realizar a intermediação e tradução de um discurso bíblico original, ausente de autoria “seu autor é apenas o representante inspirado de uma entidade sem rosto: Deus, a Razão, o Espírito” (MAINGUENEAU, 2008, p. 203). O sujeito que busca a conversão é também um avaliador e, dessa forma, a interpretação produzida pelo fazer interpretativo do destinatário deve legitimar a comunidade da qual fazem parte o comentador e seu destinatário (Cf. MAINGUENEAU, 2008, p. 204).

Essa “tradução” da narrativa fundadora em narrativa de comentário é realizada segundo a seguinte hierarquia de actantes/ atores: 1) Nível superior (alto) – universo celeste: Deus; Espírito Santo; 2) Nível inferior: fieis (leigos) → busca do O_v “salvação”; 3) Nível intermediário, superior aos fiéis: comentador (divulgador); fiador; mediador autorizado da palavra de Deus.

Situa-se, portanto, no nível intermediário, o comentador (agente de prestígio, Papa), sujeito dotado de competência prática (devoção) e competência teórica (conhecimento da doutrina).

A narrativa fundadora, enquanto enunciado destacado, é uma unidade autônoma, completa, expressão de um pensamento transcendente cujo sentido é explicitado e desdobrado pelo comentador/divulgador.

De acordo com Maingueneau (Cf. 2008, p. 208) a Bíblia apresenta um duplo funcionamento: a) conjunto de textos; b) reservatório de citações para os membros de uma sociedade. O narrador executa uma triagem de citações, na qual o comentário se utiliza da narrativa bíblica incorporando-a aos valores da formação discursiva considerada.

Desse modo, para veicular uma mensagem abstrata, espiritual ou teórica, e se fazer compreender, o divulgador utiliza-se de um suporte concreto da linguagem: o pensamento figurativo ou raciocínio figurativo.

Os papéis actanciais são assumidos na narrativa de comentário pelo divulgador (narrador/ comentador) e pelo receptor (narratário). Desenvolve-se, assim, a performance principal operacionalizada por esse discurso: a consumação de um comentário informativo, mediante o qual o saber comunicado pela narrativa realiza-se como um objeto-modal e como um objeto-valor.

Ao considerarmos o comentário, de acordo com Panier (1986, p. 273), como a realização de um fazer interpretativo, procederemos, a seguir, à descrição semiótica de como se processa essa interpretação. Trataremos o comentário como a integração narrativa do motivo da narrativa de referência. Veremos, a seguir, como a narrativa de comentário (discurso de divulgação religiosa) realiza o princípio de saturação narrativa, segundo o qual são criados novos papéis actanciais e sequências discursivas, que tem por objetivo preencher as lacunas do segmento citado (discurso fundador).

Assim como os papéis e as figuras da narrativa de referência acham-se retomados, no comentário, em novos programas e em novas isotopias, a interpretação da

narrativa é um efeito produzido pelo discurso e os procedimentos semióticos de descrição permitem prever a forma dessas interpretações.

Desse modo, podemos observar que o discurso de divulgação religiosa considerado, ao expor a narrativa bíblica, completa as sequências narrativas lacunares dessa narrativa de referência. Verificamos, mediante o procedimento argumentativo empreendido pelo narrador (comentador), a explicitação daquilo que a narrativa de referência apenas coloca segundo o parecer, tal como podemos observar no seguinte excerto:

- (8)8. Caim está « muito irritado » e tem o rosto « transtornado », porque « o Senhor olhou favoravelmente para Abel e para a sua oferta » (*Gn 4, 4*). O texto bíblico não revela o motivo pelo qual Deus preferiu o sacrifício de Abel ao de Caim; mas indica claramente que, mesmo preferindo a oferta de Abel, **não interrompe o seu diálogo com Caim**. Acautela-o, **recordando-lhe a sua liberdade frente ao mal**: o homem não está de forma alguma predestinado para o mal. Certamente, à semelhança de Adão, ele é tentado pela força maléfica do pecado que, como um animal feroz, se agacha à porta do seu coração, à espera de lançar-se sobre a presa. Mas Caim permanece livre diante do pecado. Pode e deve dominá-lo: « Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo » (*Gn 4, 7*) (JOAO PAULO II, 2005, p. 19-20).

Observaremos, por meio da análise do nível discursivo, como se processa no discurso divulgador a inscrição de sequências discursivas complementares, obtidas mediante a recategorização operada pelo comentário. Observa-se, assim, a atualização no discurso de divulgação religiosa do conteúdo presente nas Sagradas Escrituras (discurso fundador) à luz da problemática atual.

“As figuras lexemáticas da narrativa de referência são, pelo discurso de comentário, correlacionadas com as figuras das sequências complementares e compõem, [...] papéis temáticos e figurativos próprios ao comentário” (PANIER, 1986, p. 276). Vejamos como se opera essa recategorização temática e figurativa.

A narrativa de divulgação, assim como a narrativa bíblica de referência apresenta a seguinte configuração temática: a busca pelo restabelecimento da ligação entre o homem e Deus. Entretanto, essa configuração temática é determinada por meio do seguinte investimento temático: a) tema da defesa da vida divina; b) tema do anúncio da mensagem divina; c) tema da missão redentora de Jesus; d) tema do valor incomparável da vida humana; e) temática dos atentados contra a vida humana; f) tema da oposição entre o Bem e do Mal; g) tema da livre preferência de Deus pelos mais fracos e indefesos; h) tema da nova integração divina (redenção divina).

Veremos, a seguir, como esses temas recebem investimento figurativo ao longo do enunciado. As figuras extraídas do enunciado da encíclica encontram-se destacadas.

- a) **Defesa da defesa da vida divina**: “evangelho da vida”; “valor sagrado da vida humana desde o seu início até o seu termo”.

- (9)1. O **Evangelho da vida** está no centro da mensagem de Jesus. Amorosamente acolhido cada dia pela Igreja, há de ser fiel e corajosamente anunciado como boa nova aos homens de todos os tempos e culturas (JOAO PAULO II, 2005, p. 5, grifos nossos).

b) **Anúncio da mensagem divina:** “boa nova”; “aurora da salvação”.

(10) 1. O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. Amorosamente acolhido cada dia pela Igreja, há de ser fiel e corajosamente anunciado como **boa nova** aos homens de todos os tempos e culturas.

Na **aurora da salvação**, é proclamado como feliz notícia o nascimento de um menino: « Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo (JOAO PAULO II, 2005, p. 5, grifos nossos).

c) **Missão redentora de Jesus:** “missão redentora”; “Jesus”; “Filho”; “Espírito Santificador”; “vida nova e eterna”; “comunhão com o Pai”.

(11) Ao apresentar o núcleo central da sua **missão redentora**, Jesus diz: « Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância » (Jo 10, 10). Ele fala daquela **vida « nova »** e « **eterna** » que consiste na **comunhão com o Pai**, à qual todo o homem é gratuitamente chamado no **Filho**, por obra do **Espírito Santificador**. Mas é precisamente em tal « vida » que todos os aspectos e momentos da vida do homem adquirem pleno significado (JOAO PAULO II, 2005, p. 5-6, grifos nossos).

d) **Valor incomparável da vida humana:** “plenitude da vida”; “dom da vida divina”; “vocação sobrenatural”; “grandeza e valor precioso da vida humana”; “realidade sagrada”.

(12) 2. O homem é chamado a uma **plenitude de vida** que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus.

A sublimidade desta **vocação sobrenatural** revela a **grandeza e o valor precioso da vida humana**, inclusive já na sua fase temporal. Com efeito, a vida temporal é condição basilar, momento inicial e parte integrante do processo global e unitário da existência humana: um processo que, para além de toda a expectativa e merecimento, fica iluminado pela promessa e renovado pelo **dom da vida divina**, que alcançará a sua plena realização na eternidade (cf. 1 Jo 3, 1-2). Ao mesmo tempo, porém, o próprio chamamento sobrenatural sublinha a *relatividade* da vida terrena do homem e da mulher. Na verdade, esta vida não é realidade « última », mas « penúltima »; trata-se, em todo o caso, de uma **realidade sagrada** que nos é confiada para a guardarmos com sentido de responsabilidade e levarmos à perfeição no amor pelo dom de nós mesmos a Deus e aos irmãos (JOAO PAULO II, 2005, p. 6, grifos nossos).

e) **Atentados contra a vida humana:** “múltiplos crimes e atentados contra a vida humana”; “homicídio”; “genocídio”; “aborto”; “eutanasia”; “suicídio voluntário”; “mutilações”; “tormentos corporais e mentais”; “tentativas para violentar as próprias consciências”; “condições de vida infra-humanas”; “prisões arbitrárias”; “deportações”; “escravidão”; “prostituição”; “comércio de mulheres e jovens”; “condições degradantes de trabalho”.

(13) Já o Concílio Vaticano II, numa página de dramática atualidade, deplorou fortemente os **múltiplos crimes e atentados contra a vida humana**. À distância de

trinta anos e fazendo minhas as palavras da Assembleia Conciliar, uma vez mais e com idêntica força os deploro em nome da Igreja inteira, com a certeza de interpretar o sentimento autêntico de toda a reta consciência: « Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de **homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário**; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as **mutilações**, os **tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências**; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as **condições de vida infra-humanas**, as **prisões arbitrárias**, as **deportações**, a **escravidão**, a **prostituição**, o **comércio de mulheres e jovens**; e também as **condições degradantes de trabalho**, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador » (JOAO PAULO II, 2005, p. 9-10, grifos nossos).

- f) **Oposição entre o Bem e o Mal**: “defesa e cuidado da vida humana”; “atos contra a pessoa”; “soluções falsas e ilusórias”; “verdade e o bem das pessoas e das nações”; “comportamentos contrários à vida”; “ cultura da morte”; “estruturas de pecado”; “vida”; “ **confusão entre o bem e o mal** ”; “fundamental direito à vida”.

(14) A própria medicina que, por vocação, se orienta para a **defesa e cuidado da vida humana**, em alguns dos seus setores vai-se prestando em escala cada vez maior a realizar tais **atos contra a pessoa**, e, deste modo, deforma o seu rosto, contradiz-se a si mesma e humilha a dignidade de quantos a exercem. Em semelhante contexto cultural e legal, os graves problemas demográficos, sociais ou familiares — que incidem sobre numerosos povos do mundo e exigem a atenção responsável e operante das comunidades nacionais e internacionais —, encontram-se também sujeitos a **soluções falsas e ilusórias**, em contraste com a **verdade e o bem das pessoas e das nações** (JOAO PAULO II, 2005, p. 11, grifos nossos).

(15) 24. *É no íntimo da consciência moral* que se consuma o eclipse do sentido de Deus e do homem, com todas as suas múltiplas e funestas consequências sobre a vida. Em questão está, antes de mais, a consciência **de cada pessoa**, onde esta, na sua unicidade e irrepitibilidade, se encontra a sós com Deus. Mas, em certo sentido, é posta em questão também a « consciência moral » **da sociedade**: esta é, de algum modo, responsável, não só porque tolera ou favorece **comportamentos contrários à vida**, mas também porque alimenta a « **cultura da morte** », chegando a criar e consolidar verdadeiras e próprias « **estruturas de pecado** » contra a **vida**. A consciência moral, tanto do indivíduo como da sociedade, está hoje — devido também à influência invasora de muitos meios de comunicação social —, exposta a um *perigo gravíssimo e mortal*: o **perigo da confusão entre o bem e o mal**, precisamente no que se refere ao **fundamental direito à vida** (JOAO PAULO II, 2005, p. 49, grifos nossos).

- g) **Livre preferência de Deus pelos mais fracos e indefesos**: figurativizado pela proteção da vida humana anterior ao nascimento e dos doentes em fase terminal.

h) **Nova integração divina** (redenção de Cristo): “sangue de Cristo”; “vitória sobre o pecado”.

- (16) É, enfim, do **sangue de Cristo** que todos os homens recebem **a força para se empenharem a favor da vida**. Precisamente esse sangue é o motivo mais forte de esperança, melhor **é o fundamento da certeza absoluta de que, segundo o desígnio de Deus, a vitória será da vida**. « Nunca mais haverá morte » — exclama a voz poderosa que sai do trono de Deus na Jerusalém celeste (*Ap 21, 4*). E S. Paulo assegura-nos que a **vitória atual sobre o pecado** é sinal e antecipação da **vitória definitiva sobre a morte**, quando « se cumprirá o que está escrito: "A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" » (*1 Cor 15, 54-55*) (JOAO PAULO II, 2005, p. 53, grifos nossos).

Observamos no enunciado a oposição entre dois percursos figurativos conflitantes: a isotopia da “cultura da morte”, com as figuras dos atos contra a pessoa, da “cultura pró-aborto” e da “difusão da eutanásia”; por oposição à isotopia da cultura da vida, da defesa e proteção da vida humana. A própria liberdade é figurativizada de modo diverso de acordo com a dupla leitura isotópica: “liberdade do progresso das posições incondicionalmente a favor da vida” vs. “liberdade individualista que acaba por ser a liberdade dos mais fortes contra os débeis, destinados a sucumbir” (p. 40).

Algumas considerações a respeito do *éthos*

Segundo Amorim (2004, p. 122-123): “a representação do outro a quem me dirijo já atua na própria divisão do discurso em partes”. Ainda segundo a autora, “a presença do outro pode ser rastreada linguisticamente, isto é, através de formas gramaticais. Mas ela pode também não estar marcada no nível da frase e só ser identificável no interior do enunciado”. Nesse caso, a presença do outro será identificável pelo “contraste de ideias no interior de um determinado texto”, seja por um tom irônico ou polêmico.

De acordo com Bakhtin/Volochinov (2004, p. 123):

Toda a palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou **apreciativo**, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela palavra viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra.

Vejamos como esse acento de valor apreciativo é transmitido por meio de uma entonação expressiva, segundo a qual a presença do outro é identificável por determinadas marcas linguísticas. Verificaremos, portanto, como se constitui o contraste de ideias entre o ponto de vista defendido e o rechaçado pelo enunciado. E, desse modo, podemos observar a presença da palavra alheia. Vejamos o seguinte excerto:

- (17) 11. Mas queremos concentrar a nossa atenção, de modo particular, sobre **outro gênero de atentados**, relativos à vida nascente e terminal, que apresentam **novas características em relação ao passado e levantam**

problemas de singular gravidade: é que, na consciência coletiva, aqueles tendem a perder o caráter de « crimes » para assumir, paradoxalmente, o caráter de « direitos », a ponto de se pretender um verdadeiro e próprio **reconhecimento legal da parte do Estado e a consequente execução gratuita por intermédio dos profissionais da saúde.** Tais atentados ferem a vida humana em situações de máxima fragilidade, quando se acha privada de qualquer capacidade de defesa. Mais grave ainda é o fato de serem consumados, em grande parte, mesmo no seio e por obra da família que está, pelo contrário, chamada constitutivamente a ser « santuário da vida » (JOAO PAULO II, 2005, p. 25-26).

Por meio desse enunciado já se assume a posição valorativa da esfera ideológica católica na qual a encíclica se insere. O conteúdo temático é assumido pela voz do comentador (agente de prestígio; Papa), de tal forma que o texto vai sendo amarrado argumentativamente pela posição valorativa da esfera religiosa. A própria expressão “gênero de atentados, relativos a vida nascente e terminal”, assinala essa posição valorativa.

Verifica-se a presença do tom polêmico na própria referência ao outro “Estado e profissionais da saúde”, ao agirem como instituições pró-aborto, com largo apoio da mídia e das esferas legais. Discursiviza-se, assim, a atitude responsiva entre os dois discursos (biomédico e Estatal), segundo o qual o enunciado estabelece uma relação de afirmação-objeção e com os quais pretende polemizar, na medida em que estes estariam agindo, de acordo com essa formação discursiva, de modo falacioso. O enunciado desenvolve-se mediante o abafamento das vozes e dos percursos em conflito das formações ideológicas conflitantes, prevalecendo o efeito de monofonia.

Tendo efetuado essa análise, podemos definir o estilo, o *éthos* do ator da enunciação da encíclica. A encíclica, ao se caracterizar pela presença de um estilo caracterizado por um conteúdo doutrinário (matéria de fé e moral); clareza; referências à língua latina e pelo efeito de inquestionabilidade consumado pela utilização da narrativa bíblica fundadora, apresenta um *éthos* de tom de voz altivo e apegado aos valores da tradição. Esse é o *éthos* da encíclica que, ao operar com a reduplicação mítica do discurso fundante, vai fazer a divulgação religiosa por meio da concretude das figuras, firmando o mito pelo mito. Um *éthos* mítico, altivo, superior, autoritário e detentor de uma verdade inquestionável, pois inspirado e respaldado por meio das verdades enunciadas no discurso fundante das Sagradas Escrituras.

Considerações Finais

Dessa forma, podemos concluir que contrariamente ao discurso fundador, pautado por um sujeito determinado segundo a concentração, há no discurso de divulgação religiosa um sujeito determinado segundo a expansão. Essa expansão se verifica pela explicitação do enredamento do preenchimento de lacunas semânticas, com o estabelecimento de fronteiras traçadas para o fiel. O fiel tem de ser orientado e ensinado: é necessário que se privilegie o contínuo, para que a previsibilidade sustente com segurança o fiel. Por meio dessa previsibilidade é que se espera encontrar a imagem do sujeito determinada nos textos que materializam a divulgação religiosa.

Os valores católicos de defesa da vida veiculados por esse objeto-discurso são propostos pela enunciação divulgadora, no papel actancial de um destinador-manipulador,

cujos ideais, postos como objeto de valor a serem partilhados com o enunciatório, são compatíveis à formação discursiva católica. Esse mesmo sujeito da enunciação, no papel também de agente de prestígio, dentro do campo discursivo católico, tem seu fazer reconhecido: a exposição da matéria de fé e moral deve ser executada e praticada pelos membros participantes e cúmplices da formação discursiva considerada. A formação discursiva, como sistema fundado em figuras e temas de determinado discurso, acaba por esclarecer o lugar do sujeito na polêmica sobre a preservação da vida.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail M./VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004. Original francês.

BRUNEL, P. **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CARVALHO, Paulo César de. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero Carta de Amor**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964: Discurso e Ideologia**. São Paulo: Atual, 1988.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du Sens**. Paris: Seuil, 1970.

_____. Folclore, religião e história. Trad. Ana Maria Petraitis Liblik. **Significação**: revista brasileira de estudos semióticos, São Paulo, n. 21, p. 9-28, junho, 2004 (Original Lituano).

GREIMAS, A.J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

JOÃO PAULO II, Papa. **Evangelium Vitae**: Carta Encíclica de João Paulo II sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 5ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **A Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. Polifonia e Cena da Enunciação na pregação religiosa. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (orgs.). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 199-218.

PANIER, Louis. O discurso de interpretação no comentário bíblico. In: GREIMAS & LANDOWSKI. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global, 1986.

_____. Sémiotique et études bibliques. Évolutions méthodologiques et perspectives épistémologiques. **EC – Rivista dell'Associazione Italiana Studi Semiotici**, 28 febbraio, 2008. Disponível em : <www.ec-aiss.it>. Acesso em: 04 mar. 2009.

RAMOS, Sueli. **O discurso de divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros: dois éthé, duas construções do Céu e da Terra.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18102007-145252/>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

SILVA, Edvânia Gomes da. O ethos nos discursos da Teologia da Libertação e da Renovação carismática Católica. In: SALGADO, Luciana; MOTTA, Ana Raquel (orgs.). **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, 2008.

THÉRIAULT, Jean-Yves. Quand la Bible s'ouvre à la lecture sémiotique. **Protée** : Revue Internationale de théories et de pratiques sémiotique, vol. 34, n.1, p. 67-75, 2006.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____ Pour saluer l'événement. **Nouveaux Actes Sémiotiques.** Bonnes feuilles, 2008. Disponível em <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=2485>> . Acesso em: 30 mar. 2008.